



A PENOSA VOLTA À ORTODOXIA

Existem flautistas que conseguem tirar som de seu instrumento com as narinas. É difícil, e até admirável, mas o repertório é limitado. Partituras mais complexas exigem o retorno à forma tradicional de tocar. É o caso da atual política econômica brasileira. Pretendendo garantir o emprego e a baixa inflação — grandes cabos eleitorais —, o governo provocou o desarranjo de quatro taxas que comandam o crescimento de qualquer economia: a de câmbio, a de juros, a de salários e a de impostos.

A valorização do câmbio ajudou a segurar a inflação, mas penalizou a indústria, que ficou para trás em um momento no qual a concorrência internacional estava acirrada. Presenciou (e presencia), quase impotente, a invasão dos bens importados devorando seu mercado interno. A balança comercial fraqueja e apresenta os primeiros déficits. Os dólares que entraram estão sendo sugados pela economia americana em recuperação.

A elevação dos salários ampliou a demanda por bens de consumo, alavancada também pela desoneração de impostos. A galera aplaudiu, mas os efeitos colaterais — custos industriais crescentes e redução da arrecadação do governo — agravaram a situação desfavorável da indústria e das finanças públicas. A queda da Selic — taxa básica de juros utilizada como referência pela política monetária brasileira — ajudou a rolagem da dívida pública,

mas a ampliação do crédito ameaça os índices inflacionários.

Diante das incertezas, não apenas econômicas, mas também políticas (as ruas começam a erguer a voz), o investimento encosta na barranca à espera de que o nevoeiro se dissipe. O governo percebe que foi longe demais e começa a voltar atrás. Tem início o desmonte das desonerações e o aumento da Selic. Mas o PIB se projeta raquítico, como no ano passado. O nível de emprego começa a cair. A caixa das bondades parece estar quase vazia.

Em atitude surpreendente, a Presidente Dilma ameaça (e talvez só fique nisso) realizar a disputa política diretamente na sociedade — coisa que nem seu antecessor ousou fazer —, buscando recuperar a iniciativa política. A guinada traz outro elemento de incerteza, e os investimentos aguardam o melhor momento para sair da toca.

As finanças de estados e municípios também se deterioraram com o PIB baixo e seus efeitos colaterais: queda da arrecadação e dos repasses. Além disso, 2014 é ano de Copa do Mundo e de eleições gerais. Quem ousará reajustar as tarifas do transporte urbano antes de 2015? A luta contra a inflação agradece, embora marchas de

Prefeitos e Governadores à Brasília com o pires na mão serão mais frequentes e vigorosas. Porém, não encontrarão luz no fim do túnel, porque o trem da União vem no sentido contrário e anda com os faróis apagados.

As finanças de estados e municípios também se deterioraram com o PIB baixo e seus efeitos colaterais: queda da arrecadação e dos repasses. Além disso, 2014 é ano de Copa do Mundo e de eleições gerais. Quem ousará reajustar as tarifas do transporte urbano antes de 2015? A luta contra a inflação agradece, embora marchas de

A ELEVÇÃO DOS
SALÁRIOS AMPLIOU A
DEMANDA POR BENS
DE CONSUMO, MAS OS
EFEITOS COLATERAIS —
CUSTOS INDUSTRIAIS
CRESCENTES E REDUÇÃO
DA ARRECADAÇÃO
DO GOVERNO —
AGRAVARAM A SITUAÇÃO
DESFAVORÁVEL DA
INDÚSTRIA E DAS
FINANÇAS PÚBLICAS